

DENÚNCIA E TRANSGRESSÃO EM *O PERDÃO*, DE ANDRADINA DE OLIVEIRA

*Salete Rosa Pezzi dos Santos*¹

Os signos “homem” e “mulher” são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície anatômica dos corpos, disfarçando sua condição de signo (articulados e construídos) atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, ahistóricas.

Nelly Richard

A imposição da vontade masculina, historicamente, radicou-se de tal forma na generalidade do comportamento social, que a própria mulher, em muitas circunstâncias, sentiu-se envaidecida por corresponder às expectativas do mundo androcêntrico, contribuindo para naturalizar essa injunção. Schneider lembra que “as mulheres tradicionalmente defrontaram-se com representações do feminino construídas a partir do olhar masculino”², marcando a diferença pela inferioridade do sujeito feminino. O cânone literário, por exemplo, por longa data, foi marcado pelo domínio da intelectualidade masculina, que ditava as regras daquilo que poderia ser considerado obra de arte reconhecida. Para determinados grupos sociais isso significou ter seus escritos relegados à exclusão, incluindo-se aí a produção literária de escritoras do século XIX e início do XX. De acordo com Braidotti o conceito da diferença tem sido pauta de discussão da agenda ocidental por mais de um século, afirmando que,

desde Freud e Nietzsche ela [a diferença] emergiu como um dos principais veículos da crítica à visão metafísica e idealista do ‘sujeito conhecedor’ vazado na

1 Doutor em Letras, Literatura Comparada. Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: srpsanto@ucs.br

2 SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antonio (Org.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 120.

imagem do 'homem de razão'. Como um sinal do desejo de conhecimento da cultura ocidental, a importância preponderante assegurada à 'diferença' na era da modernidade marca uma dupla mudança, afastando-se da noção religiosa de que o sujeito coincide com seu eu racional, consciente, mas também afastando-se da avassaladora masculinidade de ideias como subjetividade e consciência.³

Essas discussões remetem a um novo olhar sobre as questões que historicamente cercaram a figura feminina, colocando-a em outro patamar, o que permite repensar o lugar por ela ocupado no imaginário social, possibilitando-lhe novos espaços. Perrot, quando se refere à conquista empreendida pelas mulheres, aponta que, aproveitando a exiguidade de oportunidades que lhes sobravam, “provavelmente em todos os tempos – não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes.”⁴ Nesse sentido, as lutas realizadas por mulheres, desde o século XIX, abriram novos caminhos para a obtenção de direitos políticos e sociais, fomentando mudanças nas mais diversas searas da sociedade, mais incisivamente, a partir de meados do Século XX, promovendo uma sensível transformação da realidade vivenciada. Essa nova circunstância levou-as a empreenderem o enfrentamento do mundo, buscando constituírem-se sujeitos de sua história, o que motivou a inserção feminina nos mais variados campos de atuação. No âmbito das letras, as mulheres foram alcançando participação expressiva, assegurando-lhes um crescente reconhecimento por parte da sociedade.

Estudos pós-coloniais interessaram-se em discutir aspectos relacionados a uma nova teoria para reorientar a análise de obras produzidas por mulheres tanto contemporâneas quanto de outras épocas e a recepção des-

3 BRAIDOTTI, R. A política da diferença ontológica. In: BRENNAN, Teresa. *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 124.

4 PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005, p. 273.

sas obras junto ao público. Assim, escritoras condenadas ao esquecimento foram alcançando representatividade social, na medida em que o resgate da produção literária dessas autoras contribuiu para mudar a historiografia oficial que, por longo tempo, só levou em conta textos canônicos.

A preocupação da nova historiografia com a descoberta de “outras histórias” propiciou a inclusão da mulher e da abordagem de gênero nos estudos históricos, bem como em outros campos do conhecimento. Com o surgimento dos estudos feministas, questões relevantes são evidenciadas, buscando-se compreender por que, até então, toda experiência masculina fora declinada como universal. As teorias surgidas nesse contexto, por seu caráter inovador, abalam a posição do cânone, dos modelos de historiografia literária, pois assinalam aspectos até então não colocados em pauta. Mulheres ligadas a essas pesquisas perguntam-se, por exemplo, como a prática de vida feminina é representada nos textos canônicos, uma vez que a experiência não se refere àquilo que é vivido diretamente, mas àquilo que, sendo vivido, é processado pela subjetividade e transformado em posição discursiva.

No Brasil, as investigações sobre as relações mulher e literatura ocorreram, de forma isolada e muito escassamente, durante a década de 1970. Somente a partir dos anos oitenta é que ocorreu, no país, uma profusão de pesquisas de vanguarda de reconhecido valor acadêmico. Esses estudos fomentaram discussões sobre a construção do sujeito do gênero no imaginário social, sobre a naturalização de papéis e o lugar que esses sujeitos ocupam na sociedade. Schmidt⁵ salienta que o interesse pela produção literária feminina privilegiou não somente nomes de escritoras contemporâneas, mas também aqueles nomes que foram esquecidos ou sonogados pela historiografia oficial e que hoje surgem, desarticulando os cânones tradicionais e projetando para o futuro uma nova escrita de nossa história literária. Nessa reescrita, torna-se imprescindível que a voz da mulher alcance autonomia. Dessa forma, a construção de representações do sujeito feminino por mulheres escritoras torna-se cada vez mais relevante, pois é

5 SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189

através dessas representações que as mulheres poderão reverter as distorções impostas pelo sistema patriarcal, para construir-se como sujeitos com independência moral ou intelectual.

Nesse contexto, escritoras oitocentistas e suas produções literárias passaram a ser resgatadas, graças a projetos relevantes como o empreendido por Zahidé Lupinacci Muzart, que organizou o trabalho de pesquisadoras empenhadas em recuperar o nome de escritoras não prestigiadas pela crítica, numa publicação de três volumes, a qual apresenta o resultado de ampla e criteriosa investigação elaborada por equipe de pessoas ligadas à docência e à pesquisa, abrangendo vida e obra de escritoras brasileiras oitocentistas.⁶ Nesse panorama, surge o nome de Andradina América Andrade de Oliveira, escritora sul-rio-grandense oitocentista, cujo percurso como mulher de letras remete à produção e edição de obras literárias que, no seu conjunto, apontam para uma consciência de pertencimento de gênero e legítima assegurar-lhe um lugar nas letras sul-rio-grandenses. Ainda assim, historiadores da literatura sul-rio-grandense, como João Pinto da Silva (1930), não souberam reconhecer seu valor literário, na época. O autor afirma que, entre o surgimento de Araújo Porto Alegre e o fim do século XIX, afora Félix da Cunha, Carlos von Koseritz e Gaspar da Silveira Martins, “o que há de mais expressivo e interessante nos fastos da atividade espiritual do Rio Grande do Sul, não são, rigorosamente, nomes isolados de prosadores e poetas, mas uma instituição – o Partenon Literário, fundado em Porto Alegre, aos 18 de julho de 1868”⁷, desconhecendo outras produções realizadas nesse período, no Rio Grande do Sul, que poderiam ter merecido menção. É importante frisar que Andradina de Oliveira editou várias de suas obras no século XIX, como *O sacrifício de Laura* (1891), *Preludiando* (1897), *Almanaque literário e estatístico* (1899) e *Você me conhece?* (1899). Na verdade, sua trajetória como mulher de letras levou-a a ter uma atuação marcante na área cultural, com a publicação de várias obras e a produção de outras tantas

6 Ver MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. I, 2000; v. II, 2004; v. III, 2009.

7 SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1930, p. 37.

inéditas, dedicando espaços generosos em seu jornal o *Esgrínio*⁸ para a divulgação do movimento feminista que buscava consolidar-se no país. Sua obra *O perdão*⁹ (2010) apresenta uma galeria de personagens femininas que encerram indiscutível importância para o desenrolar dos acontecimentos que compõem o enredo, pois, a partir da trajetória dessas personagens, é possível percorrer um panorama de época, em que as mulheres estavam fadadas a um comportamento circunscrito em uma sociedade, primordialmente, patriarcal. As experiências dessas personagens foram marcadas pelo poder androcêntrico, disseminado em variadas instâncias da vida social, política e cultural do país, determinando a anulação da subjetividade feminina e destinando à mulher uma vivência de submissão e desprestígio. Ainda assim, o universo ficcional dessa obra toma dimensão de vanguarda e transgressão, na medida em que, na representação de comportamentos humanos, é possível vislumbrar não só o caráter de denúncia da opressão a que a mulher estava submetida, como também, de uma hierarquia social que se constitui na ordenação entre os que detêm o poder econômico e os que dependem da beneficência dos mais abastados para sobreviver.

A leitura da obra *O perdão* permite acompanhar, ainda que este não seja o foco da narrativa, um contexto histórico em que a organização social se estabelece a partir de relações de subordinação e graus sucessivos de poderes, calcados, especialmente, no poder econômico, sobressaindo-se, nesse sentido, a questão dos miseráveis, através dos “pobrezinhos de Lúcia” e Birutinha. Lúcia, a segunda das três filhas do casal Paula de Souza e Leonardo de Souza¹⁰, com a ajuda de tia Zina – tia de Leonardo -, todo sába-

8 Andradina de Oliveira funda o jornal *Esgrínio*, em 1898, na cidade de Bagé, pois acreditava na importância desse veículo de comunicação como meio para divulgar a capacidade intelectual da mulher da época. O periódico foi publicado durante nove anos, primeiramente em Bagé, depois em Santa Maria, sendo interrompida a sua publicação, de acordo com Schmaher e Brazil (2000), devido ao abalo sofrido pela autora pela morte do filho Adalberon de Oliveira, em 1908. Em 1909, o jornal reaparece em Porto Alegre com a formatação de uma revista ilustrada, contando com mais de 40 colaboradoras. Ver mais em: SANTOS, Saete R. P. dos Santos. *Dois mulheres de letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul: Educus, 2010.

9 A primeira edição desta obra ocorreu em 1910, pelas Oficinas Graphicas da Livraria Americana, de Porto Alegre. Em 2010, ocorreu a edição comemorativa do centenário do primeiro lançamento, pela Editora Mulheres, SC, com a organização de Rita Terezinha Schmidt.

10 Leonardo de Souza, rico fazendeiro ligado a atividades agropastoris, representa o poderio econômico e patriarcal sul-rio-grandense do final do século XIX e início do XX, constituindo-se, juntamente com a família, parte da elite porto-alegrense da época.

do, no bosque de bambus, nos fundos da chácara onde se localiza o palacete em que reside a família Souza, acolhe pessoas pobres, que se mostram profundamente agradecidas pelos gestos de caridade de que são alvo: “Eles adoravam, deveras, a galante mocinha; estimavam, cheios de gratidão, a boa tia Zina; e recebiam, quase ajoelhando-se, o óbolo que Celeste [a irmã mais jovem] lhes deixava cair, como terna carícia, nas mãos encarquilhadas e calosas dos bordões.”¹¹ Ocorre, nesse comportamento, um movimento de reciprocidade em que, de um lado, os menos favorecidos experimentam extrema gratidão pelo óbolo recebido e, de outro, os mais abastados mostram estar cumprindo seu papel social de benemerência, angariando não só o reconhecimento dos “pobres de Lúcia”, como também da sociedade, que vislumbra na família Souza um exemplo de bondade, estabelecendo-se um ciclo vicioso de receber para sobreviver e de dar para envaidecer-se. Cynthia Andersen Sarti, quando trata da ética do trabalho para os pobres, delibera que a esmola nega o princípio de dar e receber, em se tratando da atividade profissional. Enfatiza que, nesse prisma,

pedir esmola humilha porque quem o faz recebe sem dar, sem o *esforço* valorizado... [...] ...mas [a esmola] humilha também, por outro lado, porque *pedir* se coloca em oposição à honra que vem junto com a obrigação de dar, negando portanto o valor de generosidade. O *mendigo* que *pede* submete-se à humilhação de receber sem dar. O ato de pedir esmola priva o pobre da oportunidade de dar o que ele tem para dar, *disposição* de trabalhar, atributo que legitima receber em troca, honrando e não humilhando.¹²

As pessoas do palacete não cogitavam se aquele ato – serem caridosos uma vez por semana - poderia significar mudança de vida para os mendigos, ascendendo de um estado de extrema miséria para uma existência marcada pela dignidade – ter o mínimo imprescindível para seu auto-sustento -, pois o importante, naquele momento, era que ficassem “satis-

11 OLIVEIRA, Andradina América Andrade de. *O perdão*. Florianópolis: Mulheres, 2010, p. 83.

12 SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2007, 110.

feitos”, ainda que, durante o restante da semana, continuassem na mesma situação precária, sem perspectivas de um futuro menos assolador. Essa prática deixa entrever falta de consciência social, na medida em que a esmola assoma como paliativo de uma vivência de carência absoluta, em que os mais abastados detêm o poder, enquanto os menos favorecidos precisam contentar-se com a boa vontade daqueles para continuar sobrevivendo.

Essa circunstância dos menos favorecidos vai aparecer em outros momentos da narrativa, como, por exemplo, quando o leitor se depara com Birutinha – prima afastada de Paula -, que vive em total indigência, dependendo de esmolas, principalmente dos Souza, para sobreviver. Viera do interior do estado de uma família que gozava de popularidade e prestígio. Instalara-se em Porto Alegre, com um casal de irmãos, após a morte dos pais. Com o tempo, os irmãos também morrem, e todos os bens de que dispunha dissiparam-se em busca da saúde para os dois. Por mais que se esforçasse para sobreviver do seu trabalho como costureira, acabou “magra, a pele encarquilhada, coberta de *panos*, quase sem cabelos, a boca cheia de cacões de dentes, os olhos azuis sem pestanas de tanto coser e chorar...”.¹³ Birutinha não conseguiu sustentar-se com sua profissão, restando-lhe a indigência e a dependência da boa vontade alheia para viver, evidenciando-se, mais uma vez, a situação de sujeição da mulher dessa época que dificilmente poderia suprir-se financeiramente. Atenta às circunstâncias sociais de seu tempo, Andradina de Oliveira construiu, no mundo ficcional, um espaço em que as diferenças sociais eram colocadas à mostra, em especial, colocava a nu a situação de inferioridade da mulher diante da situação em que poucos admitiam atribuir algum crédito ao trabalho da mulher não direcionado estritamente para o lar, fato que alude à restrita atuação do sujeito feminino fora do circuito familiar, pois lhe cabia, primeiramente e sempre, as obrigações da esfera privada. Ainda hoje, de acordo com observações de Hennessy), as condições de trabalho da mulher, ao redor do globo, remetem ao desprestígio, afirmando que “a maioria do trabalho das mulheres continua invisível, e a quantidade de trabalho que vai em direção a esta ‘economia de cuidado’ ou ‘economia do amor’ não tem sido reduzida pela introdução

13 OLIVEIRA, op. cit., 2010, p. 70

de novas tecnologias nas casas. Além disso, somente um terço do trabalho realizado por mulheres é pago.”¹⁴

Nesse contexto de depreciação da figura feminina, surge a figura de Eva – cozinheira da família Souza -, que chama a atenção pela forma como a voz narrativa a ela se refere, reiterando sua compleição de falta: “Quem visse aquela esquisitona, pequenota também, redonda como uma bola, sem saber pronunciar o nome das coisas, nem mesmo as mais fáceis, que trocava tudo que ia dizendo, não imaginaria a grande habilidade culinária que lhe ia pelas mãos rotundas.”¹⁵ Ao mesmo tempo em que é reconhecida como boa cozinheira, também é enfatizada sua falta de beleza física, bem como a falta de habilidade com as palavras, depreciando o valor das considerações elogiosas. Numa ocasião em que Birutinha visita a família Souza, Eva, percebendo-a, esfomeada e fraca, oferece-lhe um caldo, a que Birutinha retribui, elogiando o sabor do alimento, não se cansando de repetir: “- Que gostoso, Eva, que gostoso!” “E suando de fraqueza e de alegria, bateu a fatia de pão e quase engasgou-se com os caroços de azeitonas.” Respondendo aos elogios, Eva considera: “- A Eva é burra, *sa Birutinha*, prá tudo, só tem jeito prá *fazê* quitute, - disse rindo...”¹⁶ Pela própria fala, a personagem deixa transparecer que introjetara a ideia de que é “burra”, entretanto, em um momento de extrema lucidez, ela traz à tona a questão da caridade praticada para o reconhecimento geral do benfeitor, observando que o gasto efetuado com os mendigos toda semana por Lúcia e tia Zina, se direcionado para o sustento de Birutinha, poderia significar para ela uma vida mais digna, sem tantos dissabores e aflições:

- Pobre *veia!* *Ca* coitada, que é da *famia*, pouco se importam... O que *sa Zina* gasta com a *cambuiada* dos *vadio* dava prá *sa Birutinha* *vivê* sossegada num cantinho: *mais* é tudo prá os *mau* *agardecido!* *Insmola* escondida não é bonito. É *mió* *entrá* a *cambuiada*: *ansim* o povo pensa

14 HENESSY, Rosemary. Class. In: EAGLETON, Mary. (Org.). *A concise companion to feminist theory*. London: Blackwell publishing, 2003, p. 66.

15 OLIVEIRA, op. cit., 2010, p. 36.

16 OLIVEIRA, op. cit., 2010, p. 78.

que tudo aqui tem *bão* coração! *Despois* os nome vai prá o *jorná*. A Eva é burra *mais* entende as *coisa*.¹⁷

É importante considerar o movimento da voz narrativa, dando a palavra a Eva, que demonstra seu aguçado grau de consciência a respeito do processo de benemerência paternalista que apenas mascara uma situação social injusta, sublimando com a esmola semanal - paliativo de uma vivência de cruzeza e de carência absoluta - a realidade de um sistema falacioso.

A ostentação com que os miseráveis são tratados, nas refeições oferecidas por Lúcia e tia Zina, mascara a crueldade das diferenças sociais, realidade presente na história da humanidade em todos os tempos e nas mais diferentes sociedades. A ficcionista, ao dar voz a uma narradora que observa, com acuidade, o seu entorno, permite vir à luz uma crítica contundente a respeito das hierarquias sociais, em que ficam marcados os lugares que ocupam oprimidos e opressores, sinalizando a assimetria dessas relações e o caráter de denúncia e transgressão dessa obra. Ao buscar as origens da pobreza no Rio Grande do Sul, o historiador Torronteguy constata que a formação republicana, do século XIX até o XX, consolidou-se no projeto dos interesses de camadas sociais abastadas, acarretando desníveis socioeconômicos absurdos. Ainda que assim festejados, os ideais republicanos divulgados como reformadores não lograram merecer esse reconhecimento, uma vez que estiveram sujeitados aos limites que lhes impuseram as camadas economicamente dominantes. As contradições instaladas na sociedade induziram os segmentos privilegiados a desenvolverem um discurso mais abrangente, com o aceno para o novo e melhor, e, segundo Torronteguy, “mais uma vez a alienação serviu para a manutenção da situação.”¹⁸ Evidencia-se essa questão no comportamento de Eva, cuja percepção a respeito da caridade praticada com fins de reconhecimento público não lhe facultou o entendimento de sua própria posição na organização social, efetivando-se uma cumplicidade inconsciente com o poder de dominação.

17 OLIVEIRA, op. cit., 2010, p. 78.

18 TORRONTÉGUY, Teófilo Otoni Vasconcelos. *As Origens da pobreza no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1994, p. 124.

Bibliografia

BRAIDOTTI, Rosi. A política da diferença ontológica. In: BRENNAN, Teresa. *Para além do falô: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

HENESSY, Rosemary. Class. In: EAGLETON, Mary. (Org.). *A concise companion to feminist theory*. London: Blackwell publishing, 2003.

MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. I, 2000; v. II, 2004; v. III, 2009.

OLIVEIRA, Andradina América Andrade de. *O perdão*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos Santos. *Duas mulheres de Letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul: Educ, 2010.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.

_____. Andradina América Andrade de Oliveira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. v. II. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antonio (Org.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de*

1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1930.

TORRONTÉGUY, Teófilo Otoni Vasconcelos. *As Origens da pobreza no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1994.